

Apresentação

Mahomed Bamba, por Ivaldo Marciano

Conheci Bamba no ano de 2008, mais precisamente em Feira de Santana, nas dependências da Universidade Estadual de Feira de Santana, por ocasião do VII Seminário Brasil – Canadá de Estudos Comparados. Era uma atividade do Núcleo de Estudos Canadenses, a época coordenado pelo ilustre colega Humberto Oliveira. Minha ida para este evento foi promovida pelo também ilustre e querido colega Roberto Seidel que já integrava os quadros desta universidade. Ele, no afã de contribuir com um evento robusto, na perspectiva intelectual, pinçou nomes de pessoas que considerava (e considera, eu creio), importantes para integrar o evento, que tinha a frente o não menos querido Humberto Oliveira, docente do curso de Letras e membro do programa de pós-graduação da egrégia Universidade Estadual de Feira de Santana.

Era eu apenas um doutorando, e que na época estudava os fenômenos da cultura, mais precisamente do maracatu nação, objeto ao qual dediquei vários livros e artigos, todos possíveis de serem vistos (ao menos os seus nomes) no meu currículo Lattes. Pois bem, estávamos todos em Feira de Santana, no caso, eu e aqueles que eu conhecia: Seidel, Brice Sogbossi, Amarino... E em meio às atividades de um evento científico, sou apresentado a um gentil e sorridente colega, que falava com um português dotado de um sotaque, típico dos que dispõem o francês como língua nativa.

Bamba me impressionou bastante em vários sentidos, seja na condição de homem extremamente gentil e educado, que sabia ouvir argumentos contrários aos seus, seja

como intelectual que não se colocava sob as marés das modas acadêmicas. Não pude conversar o tanto que gostaria com este genial intelectual marfinense, mas lembro de algumas das suas colocações postas para alguém que, naquele já distante 2008, ainda não pesquisava com tanto afinco sobre as questões do continente africano. Bamba, ao discorrer sobre a África, se mostrou crítico ao uso indiscriminado do adjetivo pátrio de “africano”. Disse-me ele que tal palavra, para determinados contextos, não dizia muito, e que, em muitos casos, era insuficiente para definir os diversos povos ou países que existem no continente em questão. Eu achei estranho isto, pois “africano” era, até aquele momento, o melhor termo que eu dispunha para definir tudo o que estava do outro lado do Atlântico.

Bamba não via com bons olhos, ao que me parece, a ideia de uma homogeneidade posta para o continente africano. Também era crítico da relação natural entre África e a religião, algo que o senso comum construiu com força suficiente para causar estranhamento em quem pensa o contrário. Qualquer pessoa que não seja “bom leitor” de obras sobre o continente africano, terá, eu creio, a impressão de que por lá todos são praticantes da religião dos orixás, adeptos de práticas mágicas e assemelhados. Bamba era, portanto, alguém fundamental e importante para mostrar aos “neófitos” que o continente africano é muito mais complexo do que alguns pensam, e que se há complexidade entre os pernambucanos, falantes em sua maioria de um só idioma, imaginem então um contexto em que existem mais de duas

mil línguas distintas, dispostas em pelo menos seis famílias linguísticas diversas? Sim, mesmo estando na área da comunicação, Bamba era também alguém importante para os Estudos Africanos. E esta importância vai além dos seus trabalhos e performances...

Bamba pode ser descrito também como um homem e intelectual generoso, que se dispôs a dar seu nome para compor o conselho científico de África(s). Seu incentivo foi importante para que naquele ano de 2012, quando ainda estávamos, eu, Detoubab e Seidel “conspirando” contra o mundo das ideologias e subjetividades, África(s) se tornasse uma realidade. Infelizmente Bamba não pôde contemplar nosso êxito da construção de nosso programa de pós-graduação em Estudos Africanos, tendo em vista que seu falecimento ocorreu na madrugada do dia dezesseis de novembro de dois mil e dezesseis. Sim, Bamba não pôde ver muitos dos êxitos deste grupo, que hoje se tornou maior, sobretudo por ter aprendido com sua generosidade. Contudo, sem querer aludir à homogeneidade do continente africano, creio que neste momento importa declarar que para alguns povos da África centro ocidental, a morte não ocorre da mesma forma que entre nós “ocidentais”. A morte, para alguns destes povos que estão espalhados no que é hoje Angola e RDC, só ocorre quando seu nome deixa de ser pronunciado e sua memória reverenciada. Portanto, ao que me parece, Bamba continua entre nós, presente em nosso conselho editorial, e nas nossas mentes, além de figurar neste número de África(s) sob a forma de um dossiê. Bamba dificilmente irá sucumbir ao esquecimento, ao menos enquanto aqueles que o conheceram estiverem vivos.

Sim, Bamba continua entre nós, presente, e agora imortalizado!

Que esta homenagem se faça presente e ecoe aos quatro cantos, e que as boas lembranças possam vir à tona, pois Mahomed Bamba continua entre nós, sob a forma da gentileza que nos influencia, ou de sua extrema humildade e genialidade.

O dossiê, organizado pelas colegas Alessandra Meleiro e Lúcia Ramos Monteiro reuniram artigos de pesquisadores que de alguma maneira estiveram juntos com Bamba. Excetuando o último artigo, que discute questões alusivas ao sistema de doações e caridade no âmbito do islã, comparando-o com as práticas existentes no norte da República dos Camarões, os demais trabalhos desta presente edição versam sobre as questões alusivas ao cinema no/ou sobre o continente africano, evidenciando assim um dos principais vetores do trabalho intelectual do nosso saudoso e inesquecível Bamba.

África(s), desta maneira, traz a tona uma homenagem para aquele que foi o mais brasileiro dos marfinenses, e que deixou saudades de seu jeito sincero, honesto e generoso de ser.

Ivaldo Marciano de França Lima,
Editor da Revista África(s).